
MÁQUINA FOTOGRÁFICA AO CONTRÁRIO

André Luiz Covre / poesia

Marcello de Castro Lima Jr. / fotografia

*"Sentado, olhava no entanto em guarda:
é que se o silêncio faz parte natural da escuridão,
ele não contara com a veemente mudez do sol.*

*Sempre experimentara o sol com vozes.
Manteve-se pois imóvel para não assustar o que quer que fosse.
Era um silêncio como se fosse acontecer alguma coisa que um
homem não percebe,
mas as poucas árvores se balançavam e os bichos já tinham
desaparecido."*

(Clarice Lispector, *A maçã no escuro*)

Creemos que *Máquina Fotográfica ao Contrário* seja um termo complexo que busca significar o processo que a memória desenvolve em algumas situações de puro silêncio, como uma maçã no escuro ou um sol sem vozes.

Não acreditamos que a memória humana crie situações estáticas como uma máquina fotográfica. Aliás, não acreditamos que as imagens são estáticas e guardam os mesmos momentos eternamente. Cada vez que olhamos para uma foto, cada vez que lançamos um olhar construímos uma memória diferente e complexa. Cada vez que a máquina fotográfica ao contrário entra em ação, vemos, escutamos, saboreamos, exalamos e arrepiamos diferente, como se o sol estivesse mudo, como se fôssemos, cada um, uma maçã no escuro, "como se fosse acontecer alguma coisa que um homem não percebe".

Os poemas que aqui se encontram foram retirados de um projeto maior intitulado *O SOL SEM VOZES*, o qual ainda está em construção.

Foram escolhidos para este pequeno extrato poemas construídos sobre olhares para a Universidade Federal de São Carlos, onde o poeta cursa desde 1999 a graduação em Letras. Acreditamos que as fotografias idealizadas a partir destes poemas começaram a surgir realmente em 1996, ano de ingresso do fotógrafo no mesmo curso. A vivência de ambos dentro desse universo durante esses anos, construindo e desconstruindo olhares, ou seja, construindo e desconstruindo a própria Universidade, é a estreita e verdadeira ligação entre o texto e a fotografia. Essas palavras e imagens carregam uma história com elas e é o nosso desejo que você, ao observar os poemas, ao ler as fotos, construa ou reconstrua um outro poema, uma outra imagem, uma outra história.

a estranha presença do mundo observável

duas escadarias e um tapete

*[quase inteiramente verde a minha frente
um casal de homo-sapiens
redescobre os piolhos.*

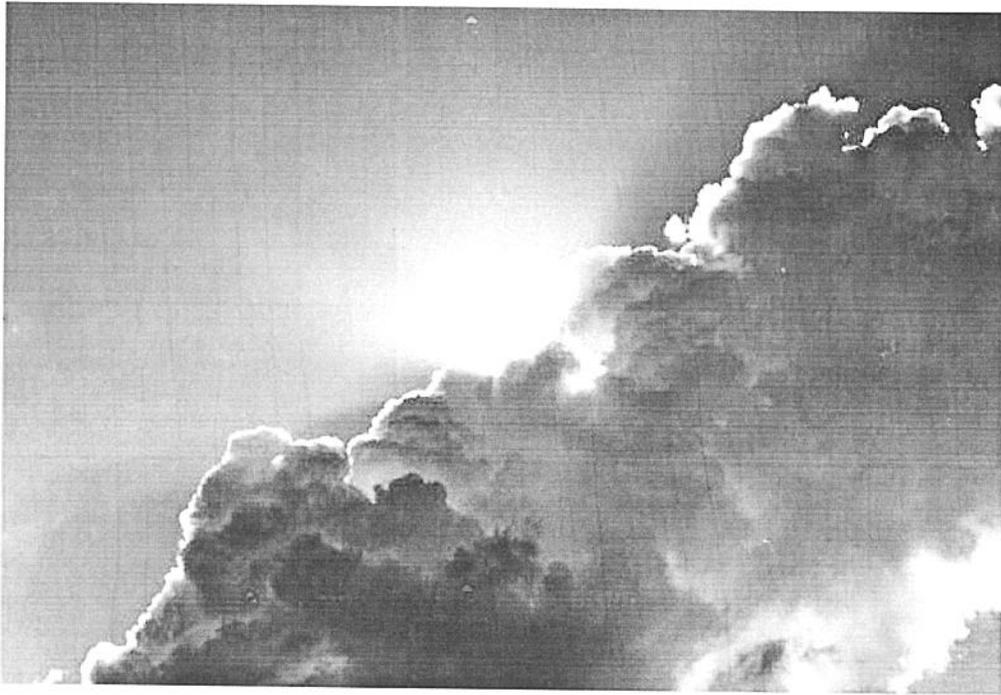
*eu tenho o sono
e o meu sono parece ser eterno*

*finda a tarde obscura.
eu me vejo no Espaço da Mudança de Houellebeck
não sou visto...
não quero...
não sou Bruno.*

*eu já escrevi sobre o meu desejo secreto
[de ser árvore?*

*tudo meu causa obnubilação
mas nutro grandes esperanças...
"vamos de mãos dadas"*





Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004

***a estranha presença do mundo observável
(camisa azul)***

*enquanto um vento qualquer
chovia as últimas gotas do orvalho
misturadas com as folhas caducas
sobre a minha face,
a mangava se alimentava.
eu achei que ela fosse a solidão sublime*

*no primeiro momento nuvens chegavam absortas
enquanto outras embora iam.
algumas partes do algodão se desfaziam
[como meu pulmão.*

*no segundo momento eu percebia outra mangava.
uma terceira confundia minha camisa azul
com uma flor exótica e saborosa.*

*o beija-flor provocava a beija-flor
e saíam velozes no terceiro momento.*

*apenas quero agora ser
sol de fevereiro até março chover.*

***a estranha presença do
mundo observável III***

*o pequeno pardal
observa o lago passando*

***a estranha presença do
mundo observável IV***

*era tarde
o fim dela*

*a tarde fechou-lhe os olhos
e virou-lhe a cabeça para o ombro direito
eu fechei os olhos e fiquei lhe observando
no fim da tarde*

*o lago passando
o pequeno pardal observando*

*a tarde passando
teus olhos observando*

*teus olhos fechados
eu observando*

*meus olhos fechados
o fim da tarde*



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004

a estranha presença do mundo observável
(sala de aula)

a Vanessinha dormindo
a jogadora de vôlei com pálpebras pesadas
les deux belles desinteressadas
a professorinha professorinha
a Jasmine perfumada
Celso Carlos tentando
Fabiano esforçado
Luís Horácio decepcionado
a jogadora de vôlei bebendo líquido fortificante
a boca da Júlia Roberts
Cynthia com os olhos abertos, bem abertos
o Maurício perto da boca da Júlia Roberts
Fabiano com a boca cheia de água depois de dizer:
— a Vanessinha dormindo

No fim do caminho meu pensamento

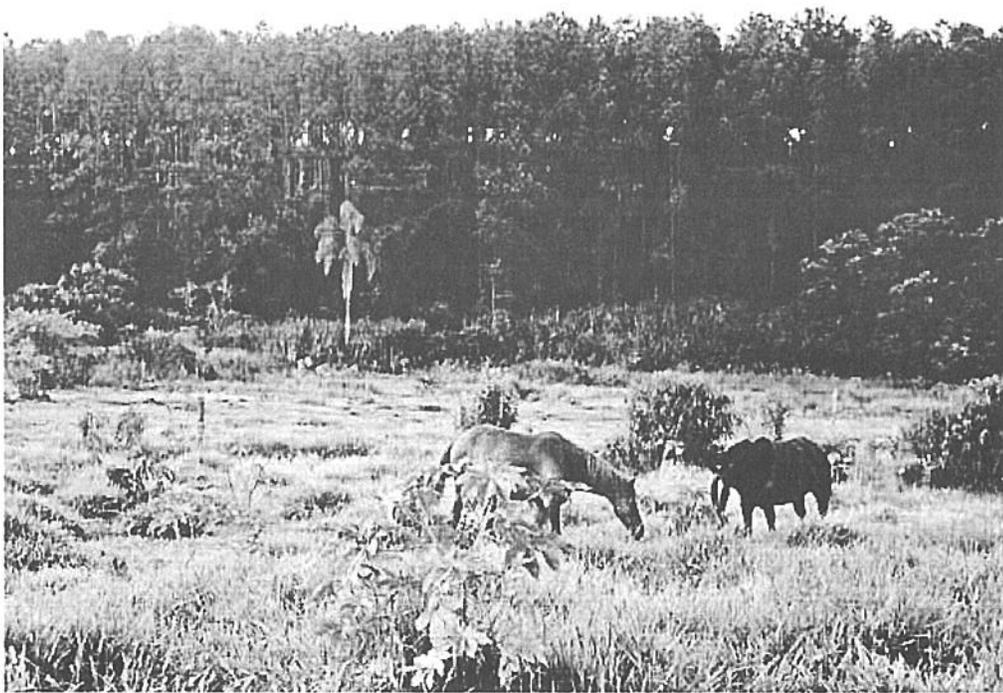
Na tarde nostálgica em que trapos
[dançam nos caminhos que ligam casas
Nuvens passeiam absortas pelo azul.
Uma porta range, um assovio. A porta mais uma vez.

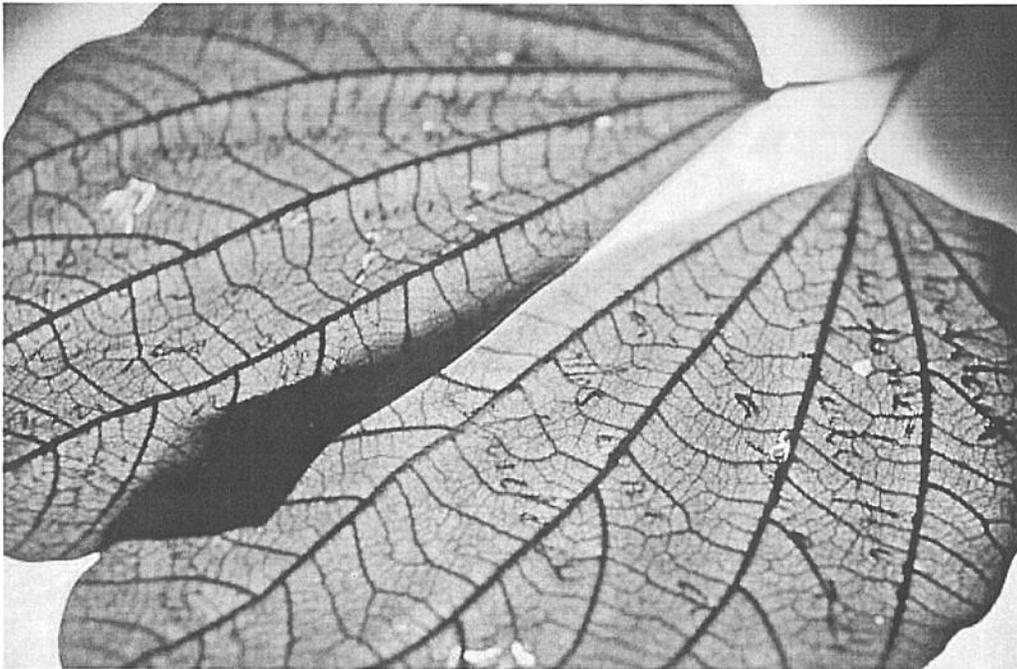
Conversas dispersas mostram uma vida dispersa
E as bicicletas dialogam paradas, atadas:
— Seria bom se pudéssemos andar,
[de mãos dadas por aí,
[apreciar os animais no zoológico,
[nas salas de aula!

Minha janela tem sempre algo de bom para mostrar:
o paredão de eucaliptos é como uma tela;
além do verde que balança pelo vento,
os cavalos também formam o movimento;
o coqueiro solitário olha-me cego, incógnito;
as outras janelas permanecem quietas,
só a minha fala.

Na tarde nostálgica em que o tempo é rei
[e a ação é esperar,
Meu pensamento termina em você.

(prédio azul, bloco 27)





*se fôssemos folhas às 18 horas
e o cheiro do crepúsculo
nos impingisse a brisa mais bela
e um galho nos segurasse para que não fugíssemos
do que é a nossa realidade...*

*a facilidade de ser folha
e já receber tudo o que a terra nos propicia
nos come a liberdade*

escrito sobre uma folha em 31/10/2000

o gato e o fato

eu não entendo
o fato desse gato
vir lambar-se
perto de mim

eu não entendo
algo ou alguém ou algoz
que quer banhar-se a minha vista

será que o fato é...
o gato quer repartir suas pulgas?...
eu não entendo...

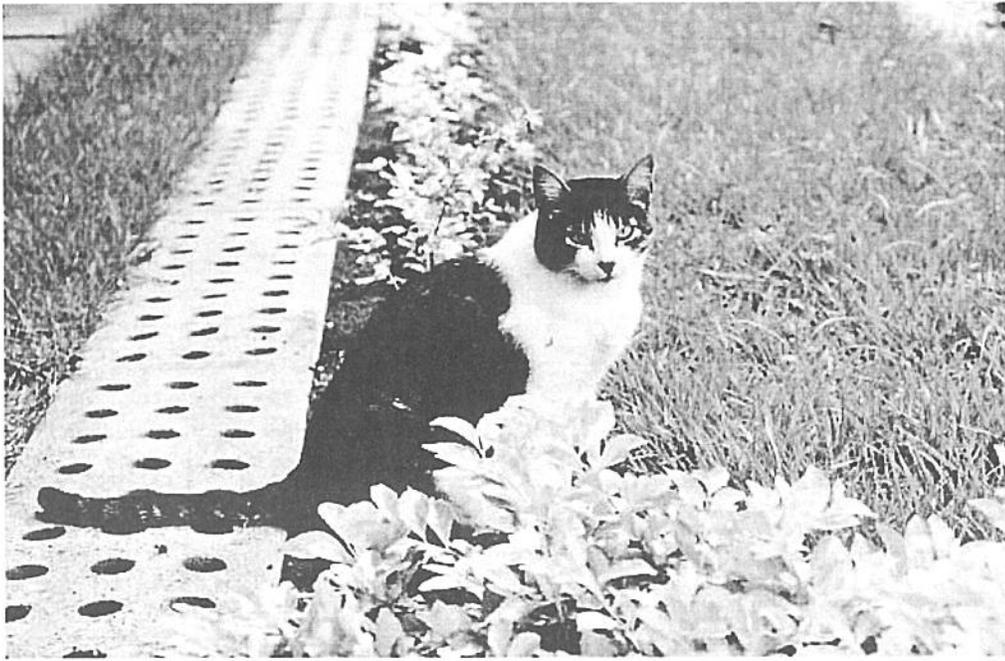
(talvez, uma hora depois)
ou esse gato é muito sujo
ou possui um gosto muito bom?!

esse gato é o fato.

um outro fato

eu não entendo o fato
desse gato
tentar manter contato

não se aproxime
não me buline
brinque de pique-esconde
com aquele outro gato...



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004

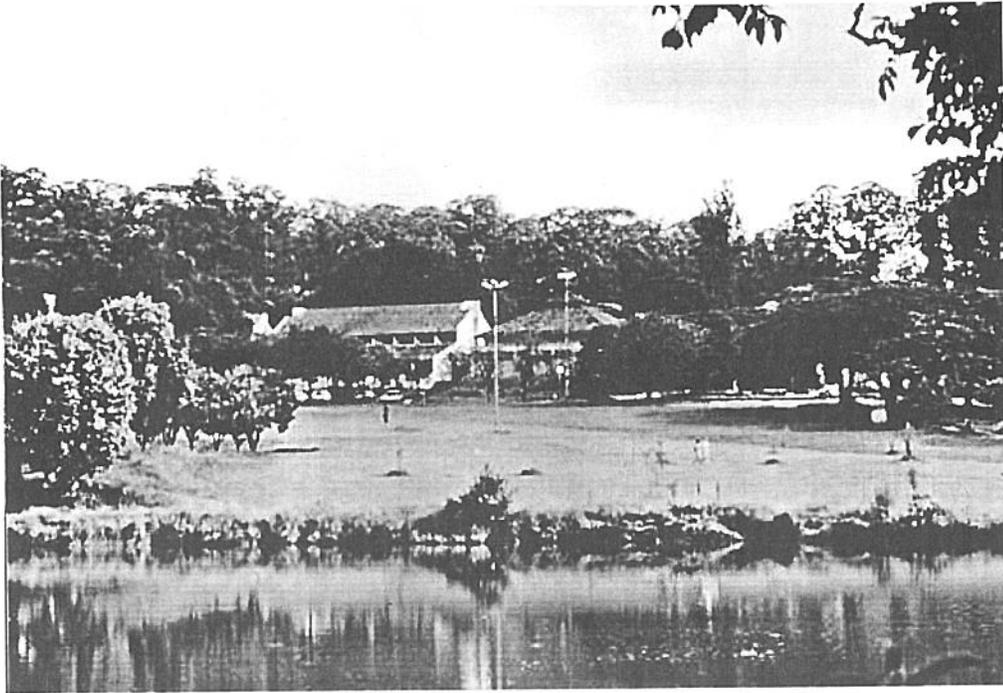
por momentos senti o perfume da Aline no dia
não que o dia cheire a Aline mas
esse dia específico
esse sol ardido e claro e consciente
esse céu azul e natural
essa primavera

já não sei se quero o que quero
em momentos diversos tenho a impressão
de que não sei saber as coisas
todas as coisas

o mato é verde
o céu é azul e o dia
tem o perfume da Aline

os anos meus se perdem no esquecimento dos cheiros...

*talco doce, perfume do alojamento,
universidade federal de São Carlos,
o fim da tarde,
algumas mulheres,
o sol mergulhado
em algum lugar do lago...
minha memória tira fotos com o nariz
[e as constrói no meu olhar
minha máquina fotográfica ao contrário
[as reconstrói
todo todo o momento todo*



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004

Eu, a árvore e as formigas

*Carros reteiam absortos
sobre horizontais linhas amarelas.
Eu traço traços com um grafite que não possuo.
O violão grita sons de olhos fechados.*

*Cinco atos observados
e o ser que possui os olhos
parece estar morto por fora.
A casca dura esconde a seiva viva.*

*Pacíficas, as formigas caminham,
e sabem caminhar.
Elíptico, o céu roda,
nada de parar.*

*O ser dos olhos eternos,
mais alto, mais potente,
sereno, quieto, estático,
olha o azul do dia contente.*



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004



Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004

assim são as chuvas de verão

*de repente silêncio
de repente
cheiro de asfalto molhado
sol de repente*

Para visualização das imagens coloridas, visite a Exposição Virtual no endereço maquinafotograficaaocontrario.hpg.com.br.

poesia:

André Luiz Covre

andrelocovre@yahoo.com.br

fotografia:

Marcello de Castro Lima Jr.

marcellolimabr@hotmail.com

fotomarcollolima.hpg.com.br

Rua, Campinas, 10: 89-112, 2004
